



A INSERÇÃO DA SUSTENTABILIDADE NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES

Recebido: 18/12/2015

Aprovado: 26/04/2016

¹Edson Luis Kuzma
²Maricléia Aparecida Leite Novak
³Sérgio Luis Dias Doliveira
⁴Carlos Alberto Marçal Gonzaga

RESUMO:

A sustentabilidade, inserida no contexto de formação do ensino superior, promove a possibilidade do desenvolvimento de conhecimentos aos profissionais formados em administração. A urgência da instrumentalização da sustentabilidade, sobretudo no contexto empresarial, não deve ser fomentada apenas pelas pressões governamentais ou por demandas sociais, mas também pela postura e pelo comprometimento de seus gestores e colaboradores. Portanto, reconhecendo a relevância do ensino da sustentabilidade no meio acadêmico, a presente pesquisa busca conhecer a inserção do tema Sustentabilidade na orientação da formação e da produção do conhecimento no curso de Graduação de Bacharel em Administração da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Para tanto, buscou-se analisar a percepção do corpo discente em relação ao tema abordado, tomando por base as proposições teórico-conceituais dos Jargões da Sustentabilidade de Sgarbi et al.(2008) e o Modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004). Os resultados apontam para a maior recorrência de alguns dos jargões em comparação a outros, segundo a percepção dos acadêmicos abordados. De modo geral, a assimilação do conhecimento associado aos termos vinculados à sustentabilidade, de acordo com o modelo teórico de pesquisa, recebe avaliação ligeiramente inferior ao ponto médio de referência, o que indica a consideração do tema como de pouco conhecimento pelo corpo discente da referida universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade, Ensino Superior, Administração.

¹ Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, Brasil.
E-mail: edson.kuzma@gmail.com

² Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, Brasil.
E-mail: maricleia@hotmail.com.br

³ Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, Brasil.
E-mail: sldd@uol.com.br

⁴ Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, Brasil.
E-mail: admgonzaga@yahoo.com.br



INCLUSION OF SUSTAINABILITY IN MANAGEMENT TRAINING

ABSTRACT:

Sustainability, in the context of higher education training, promotes the possibility of developing knowledge to professional graduates. The urgency of the instrumentalisation of sustainability, especially in a business context, should not be promoted only by government pressures or social demands, but also by the attitude and the commitment of its managers and employees. Therefore, recognizing the importance of the teaching of sustainability in academia, this research seeks to understand the theme of inclusion Sustainability in orientation training and knowledge production in the course of Graduate degree in Business Administration from the State University of the Midwest (UNICENTRO). To this end, it was sought to analyse the perception of the student body as regards the topic discussed, based on the theoretical and conceptual propositions of Sustainability Jargon by Sgarbi (et al, 2008) and the Multidimensional Model of Sustainable Value by Hart and Milstein (2004). The results point to a higher recurrence of some of the jargon in comparison to others, according to the perceptions of academics addressed. Generally speaking, the assimilation of knowledge associated with terms related to sustainability, according to the theoretical model of research, receive slightly less than the average benchmark assessment, which indicates for the consideration of the issue to be of little knowledge on the part of that university's student body.

KEYWORDS: Sustainability, Higher Education, Administration.

LA INSERCIÓN DE LA SOSTENIBILIDAD EN LA FORMACIÓN DE ADMINISTRADORES

RESUMEN:

Sostenibilidad, insertada en el contexto de formación superior, que promueve la posibilidad de desarrollo de conocimiento de profesionales graduados en administración. La urgencia de la instrumentalización de sostenibilidad, especialmente en un contexto empresarial, no debe ser promovida solamente por las presiones del gobierno o por las demandas sociales, sino también la actitud y el compromiso de sus directivos y empleados. Por lo tanto, reconociendo la importancia de la enseñanza de sostenibilidad en el ámbito académico, esta investigación busca conocer la inserción del tema sostenibilidad en la orientación de formación y la producción de conocimiento en el curso de graduación (bachillerato) en Administración de Empresas de la Universidad del Estado de la región central - UNICENTRO. Por lo tanto, se buscó analizar la percepción de los Estudiantes en relación al tema discutido, sobre la base de las proposiciones teóricas y conceptuales de las jergas de sostenibilidad Sgarbi (et al, 2008) y el modelo multidimensional de Valor Sostenible Hart y Milstein (2004). Los resultados apuntan a una mayor recurrencia de algunos de las jergas en comparación con los demás, de acuerdo con las percepciones de los académicos abordados. En general, la asimilación del conocimiento asociado a las condiciones relacionados con la sostenibilidad, de acuerdo con el modelo teórico de la investigación, recibe evaluación ligeramente menor al punto medio de referencia, lo que indica para la consideración del tema como siendo de poco conocimiento por parte del cuerpo de los estudiantes de esa universidad.

PALABRAS CLAVE: Sostenibilidad, Educación Superior, Administración.



INTRODUÇÃO

O estudo da sustentabilidade é inserido no ambiente das discussões acadêmicas e na formação de ensino superior como consequência de uma demanda social, que se reflete na urgência de capacitar novos profissionais para trabalhar com os desafios lançados pela atual contingência. As transformações globais no clima, a possibilidade latente de esgotamento dos recursos naturais, o aumento exponencial das populações, a pobreza e distribuição desigual de recursos, entre outros fatores, motivam a adoção de uma postura mais sensível à dinâmica das mudanças, num contexto mundial (SHRIVASTANA, 2010). A sustentabilidade transitória, portanto, na busca de compreender melhor a contingência contemporânea e estabelecer soluções e propostas alternativas.

A tomada de decisões no ambiente corporativo requer a articulação dos elementos ligados à dimensão social e ambiental, além da consideração do lucro e da viabilidade econômica. A inserção das pessoas como determinantes no processo decisório, além dos fatores ligados ao meio ambiente, pela preservação e uso eficiente de recursos e conservação da fauna, flora e recursos hídricos, promove e instrumentaliza na prática a sustentabilidade.

A formação de administradores com conhecimento sobre a temática da sustentabilidade, nesse sentido, pode contribuir para a sua internalização nas organizações produtivas, inserindo nos processos e procedimentos da empresa a tendência de preocupação com as pessoas e com o meio natural, além daquelas relacionadas ao retorno financeiro. A mudança de sentido e a adaptação da empresa a essa demanda socialmente estabelecida passa pela existência de profissionais capacitados técnica e intelectualmente, para lidar com um mundo em constante transformação.

Novos saberes, práticas, posturas e aprendizados são necessários à formação de administradores, gestores e líderes, de modo que se estimule uma visão diferenciada frente ao estímulo do consumo, exploração de recursos naturais, competição de mercados, colaboração entre parceiros e estabelecimento de relações éticas nas estruturas de poder. A educação com foco em sustentabilidade é baseada, portanto, na constituição de um pensamento complexo, que se edifique pela interdisciplinaridade como meio de instituir saberes e posturas diferenciadas, que efetivamente demonstrem preocupação com o caminho trilhado pela sociedade.

Os avanços da consciência ambiental ainda representam um desafio para as escolas de gestão, exigindo o redimensionamento dos métodos e conteúdo do ensino em Administração, conforme aponta Gonçalves-Dias (2009). A formação do administrador, enriquecida pelos conceitos pertinentes à sustentabilidade, pode contribuir com a adoção de

comportamentos ambientalmente corretos e socialmente responsáveis nas organizações, julgando como influente a posição desse profissional na tomada de decisões e na condução das empresas. Portanto, entende-se que as instituições de ensino superior não educam apenas as futuras gerações para tomarem decisões, mas influenciam os rumos de organizações pela formação e capacitação de seus colaboradores e gestores, exercendo um papel preponderante na trajetória para um futuro global mais sustentável (JACOBI; RAUFFLET; ARRUDA, 2011).

No contexto de formação de administradores, o aprofundamento de pesquisas que visem a flexibilização dos cursos de Administração, incluindo, além das teorias e técnicas próprias da área, conhecimentos transversais e experiências voltadas ao aspecto ambiental e social, é um imperativo necessário ao diálogo e proposição de iniciativas para o aprimoramento do exercício profissional e do perfil do novo administrador (SPRINGETT, 2005). A demanda das empresas por gestores que tenham competências relacionadas com o desenvolvimento sustentável e estejam prontamente qualificados para o enfrentamento dos problemas sociais e ambientais deve ser suprida e compreendida pelas Escolas Superiores de Administração, que, apesar de todas as dificuldades e desafios enfrentados, têm se esforçado para formar profissionais capacitados a propor modelos diferenciados de gestão, que comportem os aspectos econômicos, sociais e ambientais (SHRIVASTAVA, 2010).

Diante do exposto, a presente pesquisa se propõe a explorar a inserção da temática sustentabilidade na orientação da formação e na produção do conhecimento de bacharéis em Administração da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Sobretudo as instituições públicas, que contam com a utilização de recursos governamentais, devem otimizar de todas as formas possíveis a sua destinação, assumindo o desafio de formar profissionais com o perfil adequado à nova realidade do mercado, desenvolvendo competências que facilitem a elaboração e adoção de práticas administrativas coerentes com a proposta do Desenvolvimento Sustentável. Assim, futuros administradores não devem buscar apenas níveis elevados de performance financeira, mas também níveis elevados de performance socioambiental, tornando-se solucionadores de problemas socioambientais. Para tanto, buscou-se analisar a percepção do corpo discente em relação ao tema abordado, fundamentando o arcabouço conceitual e metodológico nas proposições teórico-conceituais dos Jargões da Sustentabilidade de Sgarbi et al. (2008) e o Modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004).



REVISÃO DE LITERATURA

Produção do Conhecimento em Sustentabilidade

O conhecimento só é válido quando é passível de ser compartilhado e aproveitado pelos demais indivíduos. O saber que se funda e é organizado de forma a não possibilitar sua compreensão e reprodução posterior não contribui para a edificação do desenvolvimento da condição humana. Muito embora o conhecimento e, por extensão, a sua produção tenham ganhado enormes incrementos, sobretudo em virtude da expansão ao seu acesso e à relativa democratização do ingresso à universidade, ainda é precária a capacidade de se produzi-lo e concebê-lo, enquanto meio de modificação da realidade (SANTOS, 1988). O saber torna-se cada vez mais acessível apenas a especialistas, sendo continuamente formalizado e quantificado, de modo que as competências sejam constantemente associadas a um campo restrito de atuação (MORIN, 2003). Associada a essa tendência, a especialização gera incompetência quando esse campo de visão é perturbado ou recebe influências externas de um novo acontecimento.

Dessa forma, enquanto o especialista tem sua capacidade de contextualização e concepção do todo e do global atrofiada, o indivíduo comum perde seu direito de acesso ao conhecimento. Há um distanciamento entre a ciência, que é fruto primaz do pensamento humano, e o próprio homem. A ciência passa a assumir um caráter quase mágico, apesar do paradoxo que aparentemente está contido em tal afirmação (DUARTE JÚNIOR, 1984). A inacessibilidade do indivíduo comum, expressa com clara objetividade nesse isolamento do que é científico em relação ao que é considerado de senso comum ou de sabedoria popular, reforça a urgência de se integrar os meios de produção do conhecimento com a realidade própria das comunidades.

Portanto, o homem não pode ser colocado à parte do fruto de suas próprias construções e experiências. Ainda que seja possível afirmar que o homem tem uma natureza, é mais significativo asseverar que ele constrói e determina sua própria natureza, ou, mais simplesmente, “que o homem se produz a si mesmo” (BERGER; LUCKMANN, 2004). Isso leva à consideração de que o saber, sendo obra essencialmente humana, precisa e deve ser relacionado à sua origem.

A constituição das diversas especialidades, nesse contexto, deriva da necessidade de acumular saberes para a formação de papéis específicos numa sociedade, de tal maneira que certos indivíduos possam direcionar seus esforços em uma dada questão específica (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Entretanto, saberes isolados não produzem respostas perfeitamente legítimas, na perspectiva de contribuição na modificação real da sociedade. Mesmo que cada campo disciplinar se apodere de dar resposta a uma indagação em específico, dentro de uma problemática, a contextualização geral, partindo de apenas uma razão, não pode ser empreendida (BERGAMO; BERNARDES, 2006). Conseqüentemente, ao enfrentar demandas de conhecimento que não podem ser identificadas e problematizadas apenas pelo olhar científico único, exigem-se colaborações de especialistas de diversos universos do pensamento científico.

Não obstante, o conhecimento e suas formas de produção devem ser empregados, numa perspectiva interdisciplinar, na busca da viabilização de prospecção de alternativas concretas de desenvolvimento das comunidades. A abordagem teórica do desenvolvimento em si demanda um olhar interdisciplinar, que possibilite a contemplação dos diferentes saberes (BELTRAME; DORNELES; GRZYBOVSKI, 2013). Nesse contexto, a interdisciplinaridade é definida por Palhano (2012) como o instrumento que tem por objetivo contribuir para a resolução de um problema que seja comum a um conjunto de disciplinas e, portanto, integrante de um universo em constante transformação. Muitos dos problemas, quase em sua totalidade, relacionados ao ambiente comunitário demandam o enfrentamento, não por recortes disciplinares, mas por modelos de abordagem estruturados, que compreendam a complexidade e a diversidade do ambiente social. A colaboração entre especialistas com formações distintas deve transpor as fronteiras conceituais estabelecidas nas áreas de conhecimento, tornando-as permeáveis entre si.

Os cientistas, no contexto de uma formação especializada, são defrontados com a necessidade do estabelecimento de relações de colaboração, rompendo fronteiras conceituais entre os saberes distintos. A repartição e a fragmentação do conhecimento em disciplinas nega a possibilidade de se aprender com maior clareza o que está tecido em conjunto (MORIN, 2003). Para tanto, trocas e ajustes metodológicos na forma como os objetos de pesquisa e discussão são abordados são imprescindíveis. Portanto, o apelo à colaboração interdisciplinar é expresso cada vez com mais força, visto que vínculos mais intensos são lançados entre os diferentes aspectos setoriais da realidade.

O estudioso com foco interdisciplinar seria aquele que tem instrução suficiente de uma ampla possibilidade de disciplinas, diversificadas entre si, mas é capaz de produzir por si só um modelo explicativo de uma dada realidade complexa (PALHANO, 2012). A ação interdisciplinar, visando à compreensão dessa realidade, leva o sujeito à possibilidade de superação dos limites dos interesses individuais, direcionando seu foco na apreensão das



especificidades de cada disciplina, de modo que estas possam dar oportunidade de produção de resultados.

A interdisciplinaridade pode ser ainda como um método ou instrumento que tem por propósito contribuir para a resolução de um problema que seja comum a um conjunto de disciplinas, que podem dialogar entre si (DEMAJOROVIC; SILVA, 2012). Isso demanda, inclusive, a ação de inter-relação de práticas e ciência que vão além das pesquisas e ensino formalmente constituídas, extrapolando o alcance da disciplinaridade e suas articulações diretas.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade é legitimamente passível de ser buscada para dar respostas aos desafios da sustentabilidade, pois as tentativas de soluções para problemas levantados nesse campo de estudo vão muito além dos conceitos originados dos limites disciplinares das ciências naturais ou das ciências humanas, por exemplo. O “ser sustentável” assume um caráter de complexidade, uma vez que a resposta aos seus questionamentos e implicações demanda uma resposta multifacetada, que contemple diferentes aspectos e dimensões de análise. Nesse cenário, o conceito de complexidade, de acordo com Morin (2003), é o contrário ao do simplismo, ou seja, é uma interação peculiar entre elementos que abarcam várias dimensões de diferentes realidades, e que devem ser tomadas não apenas como a somas das partes, mas sim como uma unidade interdependente. Portanto, a composição das partes, produzindo uma sinergia por meio do seu inter-relacionamento, resulta em explicações e respostas mais concretas do que quando as diversas disciplinas são simplesmente colocadas frente a frente. A justaposição e o diálogo integrado dos setores disciplinares evocam concepções que transcendem as delimitações do discurso com base na especialização, por si só.

A Composição Complexa e Interdisciplinar da Sustentabilidade

Assim sendo, Morin (2003) é categórico ao defender que o conceito de complexidade deve substituir o da especialização, da simplificação e da segmentação de conhecimentos. Segundo ele, a própria origem etimológica da palavra “complexo”, em raiz latina, significa “aquilo que é tecido em conjunto”. E, quando se trata de sustentabilidade, a significação do complexo está explícita. Não se pode conceber a sustentabilidade senão como algo que é construído por uma malha tecida por inúmeros fios, formando um conceito maior e mais amplo.

Portanto, a sustentabilidade é um conceito que engloba um processo de constante transformação, que é necessariamente multidimensional, na medida em que é composta por vários aspectos de discussão. Conforme assevera Telles (2011), o entendimento sobre sustentabilidade passa pela noção de que, continuamente, a resposta dada à demanda social por um maior comprometimento e sensibilidade ao meio

deve ser aprimorada e transformada, de acordo com as transformações das próprias esferas que a compõem.

O conceito de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável se fortaleceu e tornou-se visível internacionalmente a partir do final do século XX. O início de suas discussões remonta à necessidade de se pensar no desenvolvimento econômico como condicionante e responsável pelo equilíbrio ecológico e social do planeta, assim como pela preservação da qualidade de vida das populações, numa perspectiva de médio e longo prazo (MASCARENHAS, 2013). Aliando aspectos ecológicos, sociais e econômicos, institui-se um modelo de gestão que busca o equilíbrio (ELKINGTON, 1998), em face do excessivo apelo apenas ao elemento financeiro, que considera o emprego otimizado de recursos e tecnologias, assim como o consumo consciente dos recursos naturais.

O crescimento da importância da discussão que envolve a prática sustentável se deu à medida que houve maior conscientização, no âmbito internacional, da possibilidade de esgotamento das fontes de recursos naturais. A exploração desmedida, sobretudo dos recursos não renováveis, levou ao inevitável questionamento da capacidade de sustentação do modelo, que exclui a consideração das gerações futuras de terem condições igualmente capazes às da geração presente. Assim sendo, Barbieri et al. (2010) apontam para um processo de institucionalização do desenvolvimento sustentável para as organizações como um todo, especialmente para as empresas. A explicação para esse processo reside no fato de que, quando novos valores são institucionalizados no meio social, se tornam o que o autor denomina “mito”, no sentido de serem seguidos sem questionamento por um determinado setor. As organizações produtivas, ao buscarem respostas para esses questionamentos, amenizam as pressões e possivelmente diminuem seus impactos, adotando modelos e práticas em consonância com aquelas tidas como as melhores ou mais adequadas num dado sistema social.

Essas organizações tornam-se eficientes, simbolicamente falando, pois adotam modelos institucionalizados, conforme o setor em que atuam, de modo que estejam conformes aos posicionamentos tidos como ideais. Ao aderirem aos modelos formalmente constituídos de valores e práticas, que apresentam direcionamento em conformidade com o anseio social, recebem legitimidade nas suas ações, assim como maior visibilidade na destinação e investimentos de recursos (BARBIERI et al., 2010). Sendo legítimas, agem segundo tendências socialmente estabelecidas, constituídas por meio de um consenso de ações e de direcionamentos.

No modelo atual de gerenciamento e de condução das organizações, produtivas ou não, valores relacionados ao desenvolvimento sustentável e ao fomento de políticas voltadas à prática ambiental têm sido colocados como conformes ao modelo



institucional de crescimento, sobretudo pelos movimentos sociais e ambientalistas, e pelos governos. Como fruto desse processo de pressão social, no sentido de promover a mobilização de esforços comuns, é instituído um modelo diferenciado de organização (BARBIERI et al., 2010). Sendo mais adequado e em conformidade à demanda social, esse modelo incita a formação de um novo ciclo, pautando a incorporação de práticas inovadoras e, necessariamente, sustentáveis.

O desafio lançado na busca da sustentabilidade, por meio da inovação, demanda a articulação da organização num contexto mais amplo, uma vez que a preocupação com a sustentabilidade é projetada como de ascendência global. Portanto, pela ótica das organizações, o desafio da sustentabilidade é bem mais amplo (HART; MILSTEIN, 2004), visto que gera, simultaneamente, obrigações e benefícios mútuos nos campos ambiental, social e econômico. Ao associarem suas práticas ao modelo sustentável de desenvolvimento, as empresas adéquam suas estratégias na constituição de uma sociedade de consumo menos agressiva e agregam, ao mesmo tempo, valores aos seus procedimentos, que vão além daqueles relacionados exclusivamente ao aspecto econômico-financeiro.

Considerando o caráter global e complexo da sustentabilidade, Kanashiro (2009) aponta que o tema recebe cada vez mais atenção da comunidade científica, ao mesmo tempo que se disseminam as incertezas e controvérsias sobre sua discussão. A possibilidade de reflexão, notória no contexto moderno da produção da ciência, direciona o conhecimento em duas direções. Em primeiro lugar, a preocupação com a concentração na questão da sustentabilidade evidencia o processo pelo qual a modernidade se depara, como consequência de seu próprio processo de modernização, que inclui a supervalorização e centralidade da ciência e tecnologia, como ponto de partida e meio de abordagem nos processos de tomada de decisão e na organização da vida social. O segundo ponto ressalta o próprio questionamento da ciência e da tecnologia como produtoras da realidade objetiva, que viabilizam o progresso e a existência de um pensamento reflexivo sobre as modalidades de conhecimento científico. Retorna-se à premissa do questionamento e da busca da relação de causalidade entre o processo de desenvolvimento e o foco no sustentável.

Na apresentação da sustentabilidade como um desafio amplo da sociedade contemporânea, sua pauta é consolidada como uma das prioridades na agenda política internacional e é colocada nos discursos dos chefes de Estado, organismos internacionais, ONGs, empresas e movimentos sociais (KANASHIRO, 2009). Assim sendo, Hart e Milstein (2004) afirmam que são quatro os principais grupos motivadores pelos quais se fundamenta a necessidade e a viabilidade

teórico-prática do discurso que permeia a sustentabilidade, a saber:

O primeiro conjunto de motivações está relacionado com a crescente industrialização e suas consequências correlatas, como consumo de matérias-primas, poluição e geração de resíduos pela atividade industrial. Ao mesmo tempo que as indústrias produziram benefícios econômicos, também ocasionaram enormes quantidades de poluição, aliada ao consumo de matérias-primas, recursos minerais ou fósseis, num ritmo crescente que impede a sua renovação, incompatível com a capacidade do planeta. O sustentável, nesse aspecto, está ligado à preservação e eficiência no uso de recursos e diminuição da emissão de poluentes.

O segundo grupo de motivadores relaciona-se ao reforço das redes de conexão entre as diversas pessoas que estão no círculo de influência das organizações e a sociedade civil como um todo. Essa interligação cresce à medida que o poder do Estado diminui, fato que fica evidente quando grupos da sociedade civil organizada e organizações não governamentais assumem papéis que são de atribuição específica do governo, principalmente quando se trata de ambientais e sociais. As organizações, nessas circunstâncias, são desafiadas a funcionar de maneira transparente e responsável, mantendo bons relacionamentos com seus parceiros.

O terceiro conjunto de motivadores relaciona-se com as modalidades de tecnologias emergentes, que podem oferecer soluções revolucionárias e alternativas aos modos de produção obsoletos e ineficientes, no quesito de uso de recursos de forma sustentável. As tecnologias que possibilitam a circulação de um volume imenso de informações e de troca de experiências facilitam a prospecção de novos modelos e formas inovadoras de relações de produção. A inovação e as soluções tecnológicas são, portanto, o caminho para a busca do desenvolvimento sustentável.

Por fim, o quarto conjunto de motivadores diz respeito ao aumento da pobreza, da população e das desigualdades associadas ao processo de globalização. A combinação exponencialmente crescente da expansão populacional e o aumento das desigualdades leva à reflexão do redimensionamento das ações, num nível global. O desenvolvimento social e a geração de oportunidades, em contraposição à desigualdade, devem ser essenciais para o crescimento de forma sustentada, a fim de que se evite o colapso do modelo instalado.

Ao considerar as quatro dimensões que permeiam o fomento das discussões que envolvem a sustentabilidade, evidencia-se seu caráter complexo e multidimensional, que não pode ser compreendido pela restrição a um ou outro elemento. A criação de subsídios que possibilitem a geração de condições concretas de mudança parte da articulação de vários sujeitos em torno de diretrizes norteadoras,



produzindo meios de viabilizar a busca pela prática sustentável.

Nesse contexto, o Modelo do *Triple BottomLine*, proposto por Elkington (1998), fundamenta a composição do sustentável como o arranjo de três principais pilares: o aspecto econômico, o social e o ambiental. Contemplando esses três macrofatores, cada qual com uma grande rede de indicadores subjacentes, compõe-se o conhecimento amplo do que é a sustentabilidade. Sachs (2008) aponta ainda outros quatro aspectos, que complementam e evidenciam o caráter multifacetado do tema, a saber: dimensões política, cultural, temporal e espacial. Entretanto, cada aspecto leva à segmentação de uma vasta possibilidade de outros fatores, que por sua vez demandam a utilização e integração de vários saberes distintos.

A necessidade de articulação de diversos saberes para a compreensão global do que é a sustentabilidade reafirma a consideração de sua complexidade, uma vez que esta não pode ser tomada como algo disciplinar ou dotado de passividade de análise pela ótica de apenas um campo da ciência. Ela é um conceito dinâmico, necessariamente multidimensional.

E, considerando esse caráter multifacetado e multidimensional da sustentabilidade, que está inclusive em constante transformação pelos agentes sociais, insere-se a discussão em torno da comunidade. Para Burbano (2011), a comunidade é um conjunto de pessoas que habitam um determinado espaço geográfico, cujos membros têm consciência de pertencimento ou identificação com algum símbolo local, que têm relações mais intensas do que em outros contextos e que compartilham saberes, práticas, interesses, com o propósito de apoio e cooperação mútuos. Seu fim é alcançar determinados objetivos, satisfazer necessidades, resolver problemas ou desempenhar funções sociais relevantes a nível local.

Em consonância, Zárate (2007) afirma que a comunidade local é um contexto para onde convergem interesses, recursos compartilhados e necessidades, que dão constituição e formação à mesma. Nesse cenário, convergem as definições e implicações de sustentabilidade e comunidade, uma vez que ambas apontam para a direção de um convívio racional, compartilhado, que está em constante transformação e continuamente recebe influência e é influenciado pelo meio.

A Sustentabilidade na Formação do Conhecimento Acadêmico

A instrumentalização da sustentabilidade, aplicada ao contexto de formação de administradores, busca estabelecer a inserção do tema em discussões que envolvem acadêmicos e futuros profissionais, que irão compor o mercado de trabalho e auxiliar no direcionamento das decisões organizacionais.

Sobretudo no caso dos administradores, que são formados com o intuito de receber embasamento técnico e teórico para conduzirem empresas, gerindo os recursos a ela dispostos, é notável a urgência de se pensar em sustentabilidade (GODARTH et al., 2011). Sendo um tema essencialmente articulável com várias áreas do conhecimento, a sustentabilidade assume, no âmbito da Administração, um caráter estratégico, que empreende a formação de uma visão de sociedade e de mundo numa perspectiva de longo prazo.

Para que a sustentabilidade se torne efetivamente presente na formação e possa ser levada às organizações também via colaboradores, deve-se ampliar o alcance das ações e assumir comportamentos verdes em toda a economia, uma tarefa extraordinariamente difícil para todos os envolvidos. Cabe ao administrador, que gerencia a disposição de recursos e promove a tomada de decisão, fomentar e incentivar um posicionamento pautando a prática sustentável. Mas, por outro lado, tal conquista cria desafios e oportunidades, sobretudo para aqueles que estiverem capacitados e preparados para tal mudança de estágio global (MAKOWER, 2009).

A forma como as relações sociais são estabelecidas no atual contexto explicita a vivência constante de transformações na forma de ver o mundo, com o aumento de informação e estudos científicos sobre os impactos dos meios de produção no meio ambiente, sobretudo no futuro. Assim sendo, torna-se intrínseca em qualquer estratégia de negócio a preocupação com o desenvolvimento sustentável (ESTENDER; ROCHA, 2010). A consideração do sustentável como imprescindível às relações empresariais fica evidente.

Portanto, a formação de administradores com pressupostos orientados pela sustentabilidade exige novas propostas interdisciplinares, em que a visão integrada, sistêmica e holística substitua os projetos pedagógicos disciplinares, que privilegiam o processo de compreensão sobre uma determinada realidade de maneira fragmentada (JACOBI; RAUFFLET; ARRUDA, 2011). Recorrer a práticas interdisciplinares passa a ser um imperativo em função das mudanças sociais vivenciadas pela sociedade, tornando-se evidente que disciplinas que trabalham isoladamente não podem dar respostas adequadas às problemáticas altamente complexas da atualidade.

O desafio da articulação da sustentabilidade, tomada como uma necessidade e um anseio social, e a formação do administrador demandam um olhar multifacetado e dinâmico, acompanhando as constantes transformações da sociedade atual. A construção de projetos de ensino que promovam efetivamente o foco na sustentabilidade está no desenvolvimento da capacidade de diálogo, desde o processo de construção do projeto até a sua implementação. Conforme afirma Morin (2003), o pensamento complexo só poderá se concretizar se



mantiver uma relação permanente de colaboração e diálogo entre os diversos campos de conhecimento, de modo que a interdisciplinaridade deixe de ser uma utopia e passe a ser um caminho para o desenvolvimento de novos conhecimentos que permitam aprender a lidar com os desafios socioambientais. Portanto, a edificação do conhecimento, capaz de mobilizar meios de modificação das condições deficitárias de vida e de exploração do meio, necessita romper com o isolamento do conhecimento incorporado nas disciplinas fechadas e desenvolver formas de entendimentos globais e integradores sobre a realidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme o problema de pesquisa proposto, o presente estudo é classificado como exploratório e descritivo, de acordo com as definições de Gil (2007), que busca apresentar um quadro de investigações sobre iniciativas que integram a sustentabilidade à educação.

Quanto ao método de abordagem dos objetivos de pesquisa, classifica-se como qualitativo-quantitativo, uma vez que integra a coleta de dados e exposição de valores de caráter quantitativos à elaboração de discussões voltadas ao aspecto qualitativo. A pesquisa qualitativa-quantitativa ou de abordagem mista, conforme defende Cresswell (2010), utiliza elementos qualitativos mesclados aos quantitativos, por meio da qual a forma qualitativa recorre à quantificação para a obtenção dos melhores resultados, não havendo, em regra, uma abordagem que seja dominante. Para o autor, a defesa do conceito da pesquisa qualitativa-quantitativa se dá pelo fato de que o método quantitativo permite melhor tratamento dos dados e maior precisão das conclusões, muito embora não se aplique à totalidade dos dados qualitativos, de difícil quantificação. Trata-se de otimizar o uso dos procedimentos, no qual a quantificação e o tratamento estatístico são utilizados como base para a obtenção de resultados mais complexos ou profundos do que a simples observação das características pesquisadas.

A proposta de pesquisa é baseada na integração dos modelos Teórico-conceituais dos Jargões da

Sustentabilidade de Sgarbiet al.(2008) e do Modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004). As duas metodologias de abordagem da Sustentabilidade promovem uma leitura integrativa da percepção da inserção do tema de pesquisa no contexto de formação dos administradores.

As contribuições teóricas estabelecidas pelo Modelo de Criação de Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004) e dos jargões sustentáveis de Sgarbi et al. (2008) possibilitam meios de desenvolvimento de uma análise complexa, no contexto da implementação da sustentabilidade nas organizações, utilizando-se de variáveis multidimensionais que dão subsídios à tomada de decisões (MASCARENHAS, 2013; TELLES, 2011). Os quadrantes e os jargões, compreendidos de forma integrada, podem auxiliar empresas e gestores na minimização de riscos, emissão de poluentes e resíduos, assim como permite a inserção efetiva das perspectivas dos *stakeholders* nos negócios. Num cenário de planejamento de resultados futuros, a organização pode desenvolver competências sustentáveis, criar valor e reafirmar seu papel influente na sociedade, criando estratégias para atendimento das necessidades não satisfeitas da população.

O universo de pesquisa corresponde à Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), com foco nas turmas do curso de Bacharel em Administração, na modalidade presencial. A referida universidade é pública, gratuita e considerada de referência nessa área de formação. A amostra de pesquisa é intencional e não probabilística, de modo que foi selecionada a totalidade dos seis cursos, distribuídos em cinco *campi* no estado.

Optou-se pela seleção dos últimos períodos de cada curso, considerando que esses alunos frequentaram mais disciplinas que os demais de outros anos. Salienta-se que nenhuma das grades dos cursos inclui a disciplina de Sustentabilidade, muito embora o tema seja citado em ementas de outras disciplinas correlatas, como Gestão Socioambiental e Responsabilidade Social.

A Tabela 01 aponta a relação numérica de sujeitos abordados:

Tabela 01. População de Sujeitos Abordados na Pesquisa

	Nº de Turmas	Total de Respondentes	Não Respondentes	Rejeitados ou Incompletos	Total de Utilizados
<i>Campus</i> de Irati	01	20	-	-	20
<i>Campus</i> Avançado de Prudentópolis	01	17	2	-	17
<i>Campus</i> Santa Cruz (Guarapuava)	02	21	5	2	19



<i>Campus</i> Avançado de Laranjeiras	01	16	2	1	15
<i>Campus</i> Avançado de Chopinzinho	01	12	1	-	12
TOTAL	06	86	10	3	83

Fonte: Dados da pesquisa.

O critério de rejeição dos questionários se baseou no fato de os respondentes supraquantificados não avaliarem sua percepção na totalidade das questões abordadas, não respondendo às duas laudas de questionários. Totalizou-se, portanto, 83 respondentes aptos. Os questionários foram aplicados nas salas de aula de cada curso, com a colaboração dos acadêmicos presentes no ato, no período compreendido entre os meses de agosto e setembro do ano de 2015.

O questionário aplicado foi desenvolvido a partir da Teoria dos Jargões da Sustentabilidade de Sgarbiet al.(2008), que estabelece 47 termos que são considerados os mais recorrentes quanto ao tema Sustentabilidade. Alinhando as perspectivas dos jargões da sustentabilidade ao modelo de Hart e Milstein (2004), tem-se a classificação de cada um dos termos de acordo com a proposta de análise integrada ao modelo como um todo, que remete à concepção de complexidade e de visão sistêmica sobre a prática sustentável.

Todos os termos foram dispostos num questionário estruturado, com possibilidade fechada de resposta. As questões são do tipo *Likert*, numa escala de cinco pontos, na qual se definiu a seguinte mensuração de importância: 01 – nunca se aplica; 02 – raramente se aplica; 03 – às vezes se aplica; 04 – geralmente se aplica; e 05 – sempre se aplica. O questionamento se refere à classificação do grau de ocorrência dos itens dispostos, conforme o conhecimento e as discussões estabelecidas no ambiente acadêmico do curso.

Para elaboração da análise e discussão dos resultados encontrados, é utilizado o Modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004), que estabelece uma concepção cartesiana da composição das variáveis que influenciam a postura sustentável, aliado à percepção dos acadêmicos a respeito dos termos considerados jargões, próprios da área em debate. A proposta de abordagem, considerando o objeto de estudo e os

objetivos traçados, permite e justifica a classificação metodológica, segundo a qual Oliveira (2011) respalda que pesquisas de caráter qualitativo e quantitativo apresentam uma complementaridade virtuosa, em que uma alcança resultados que à outra não é possível atingir. Enquanto a pesquisa quantitativa questiona o que acontece e como acontece, a qualitativa pergunta por que acontece, fazendo com que a pesquisa qualitativa dê sentido e confiança à exploração quantitativa. Trujillo (2003) acrescenta que técnicas como a escala de *Likert*, na qual se atribui um número de mensuração à opinião de uma pessoa com uma variável, são qualitativas-quantitativas por excelência.

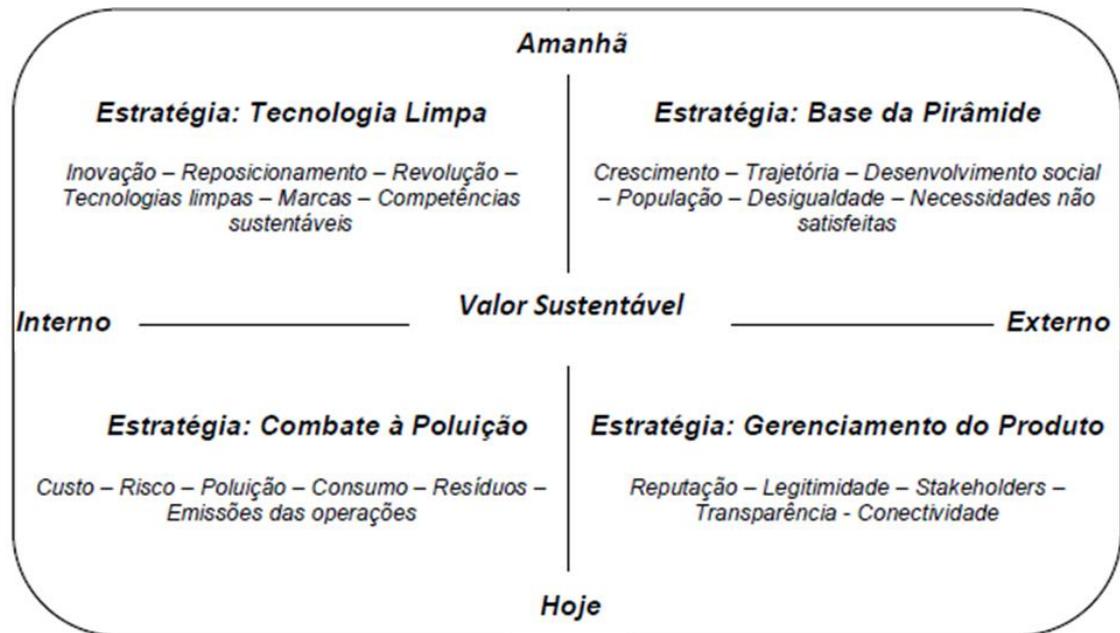
A proposta de integração dos modelos de Hart e Milstein (2004) e Sgarbi et al.(2008) é útil à investigação no sentido de convergir o método da prática sustentável ao ensino ministrado para a formação de novos profissionais. Estimula a construção de um modelo de análise que facilita o diálogo e a pesquisa, e ao mesmo tempo evidencia a necessidade de convivência, no contexto prático, da dicotomia entre a certeza e a incerteza, da complexidade da vida, dos ecossistemas, das interações e do futuro, como meio de incitação à edificação de novos saberes e atitudes inovadoras (TELLES, 2011).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para facilitar a apresentação dos dados obtidos por meio dos 83 sujeitos respondentes da pesquisa, optou-se por dispor as informações de forma segmentada por quadrante, de acordo com o modelo de pesquisa de Hart e Milstein (2004). Cada um dos quadrantes apresenta a classificação de percepção atribuída pelos acadêmicos, conforme cada jargão abordado. Os quadrantes são dispostos com uma configuração que permite tomar a sustentabilidade por quatro perspectivas, segundo a configuração apresentada na Figura 01.



Figura 01. Modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004)



Fonte: Hart e Milstein (2004).

O ponto médio estabelecido pela escala de Likert é o que está próximo ao termo intermediário, representado pelo item 03 (às vezes se aplica). As respostas qualificadas abaixo desta são consideradas como menos satisfatórias, ou de menor desempenho que as demais. As respostas qualificadas acima são tidas como de melhor desempenho, conseqüentemente. Portanto, o ponto médio, colocado entre as respostas menos e mais satisfatórias, é tomado como o ponto de referência para abordagem das respostas obtidas.

A seguir, são apresentadas as qualificações atribuídas por cada termo no quadrante, apresentando um panorama segmentado de cada conjunto de jargões. Em seguida, são expostas as médias gerais encontradas, considerando a composição dos quatro quadrantes, assim como os resultados apresentados por cada *campus*. Por fim, evidencia-se um panorama geral de cada jargão, apontando a percepção registrada

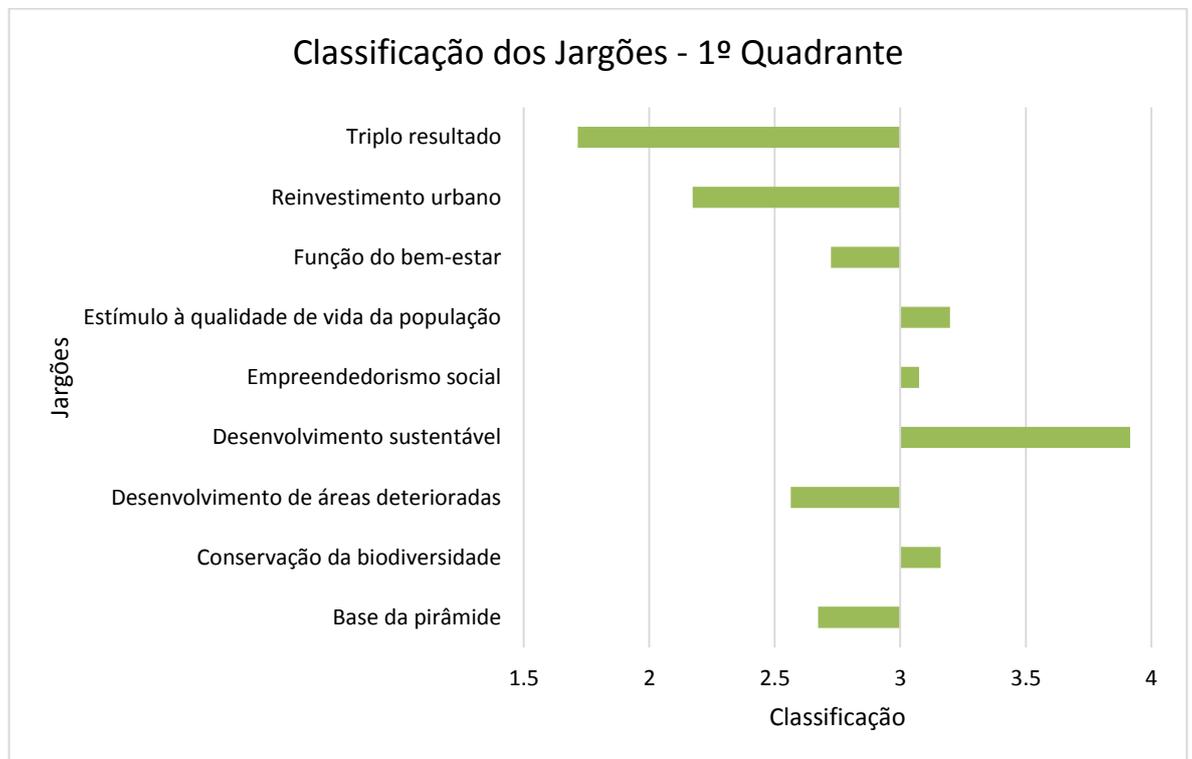
de cada termo, assim como o *ranking* comparativo dos jargões, especificando os aspectos com maior e menor destaque na pesquisa.

Análise do Primeiro Quadrante

O primeiro quadrante do modelo de Hart e Milstein (2004) é localizado na margem superior direita, formando o aspecto que trata das questões externas e de perspectiva com foco no amanhã. Possui as dimensões-chave relacionadas ao caminho de crescimento e trajetória. As principais estratégias desse quadrante são visão de sustentabilidade e a criação de um mapa comum para atender às necessidades não satisfeitas. Ainda nesse quadrante, a preocupação está no reposicionamento do mercado buscando satisfazer as necessidades dos *stakeholders*. Os dados obtidos nesse quadrante são demonstrados graficamente:



Gráfico 01. Classificação dos Jargões da Sustentabilidade – 1º Quadrante



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados apresentados graficamente, a percepção dos discentes sobre os termos elencados no primeiro quadrante é díspar, com termos recebendo qualificação acima e outros abaixo do eixo de referência (3). A melhor média é encontrada com o termo “desenvolvimento sustentável” (3,91) e a menor, com “triplo resultado” (1,71). Contraditoriamente, ambos os termos focam em aspectos semelhantes, uma vez que o triplo resultado se relaciona com a obtenção de desempenho no tripé do desenvolvimento sustentável, nos aspectos social, ambiental e econômico. Os outros jargões que se destacaram com avaliação negativa foram o “reinvestimento urbano” (2,17) e “desenvolvimento de áreas deterioradas” (2,56).

São dispostos nesse agrupamento de jargões termos relacionados aos processos que foram mal compreendidos pelo capitalismo de mercado e, dessa forma, explorados em demasia. A atuação empresarial incide sobre essa dimensão indiretamente, incitando o desenvolvimento de projetos que ensejam ações

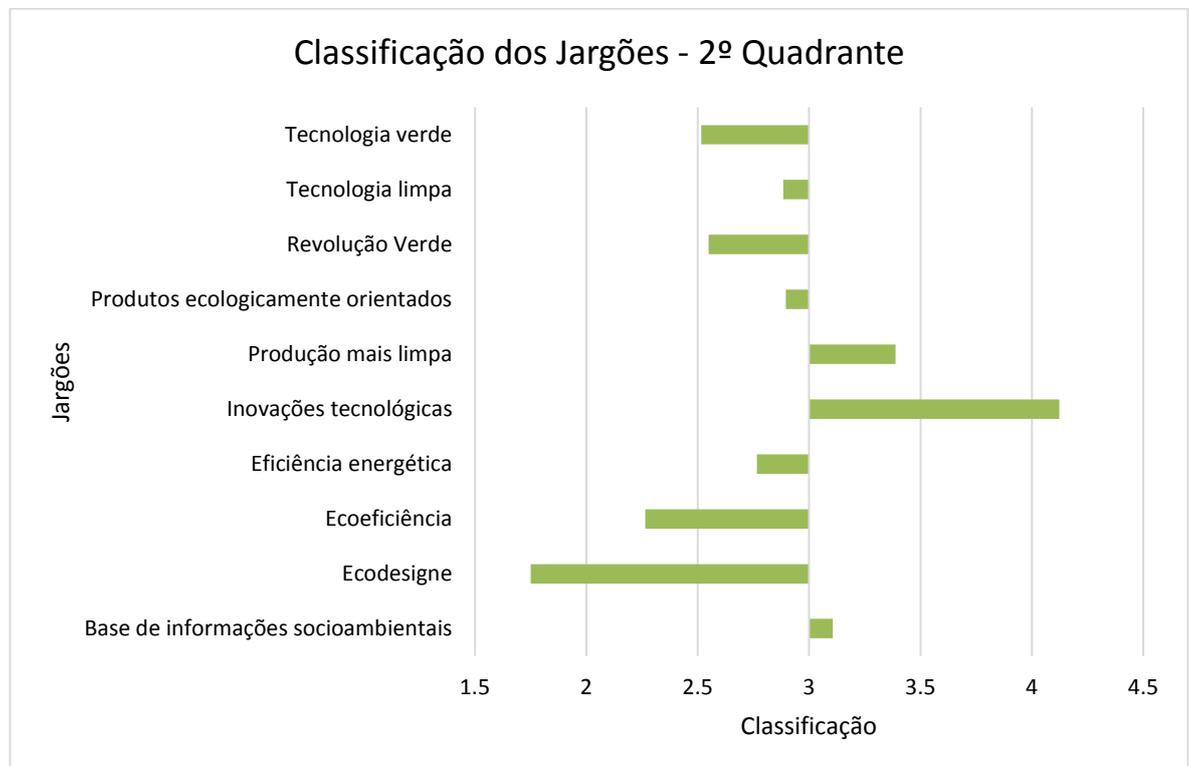
estruturantes, que visem a obtenção de melhorias numa perspectiva futura. Salienta-se a classificação, nesse quadrante, de expressões como o desenvolvimento sustentável, que abarca de forma holística toda a discussão teórica dos demais elementos, sobretudo pela integração das dimensões ambiental, econômica e social (SGARBI et al., 2008).

Análise do Segundo Quadrante

O segundo quadrante do modelo de Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004) é o superior esquerdo, no qual a preocupação interna deve ser pautada pelo reposicionamento de produtos e serviços para atender e satisfazer às necessidades dos clientes, associada à produção de tecnologias limpas e marcas. Os aspectos mais relevantes desse quadrante relacionam-se à inovação e reposicionamento da organização. Os resultados obtidos são apresentados graficamente:



Gráfico 02. Classificação dos Jargões da Sustentabilidade – 2º Quadrante



Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se notar que, dos dez jargões adequados no segundo quadrante, apenas três receberam avaliação positiva quanto à percepção dos acadêmicos. Destes, destacam-se a “produção maislimpa” (3,39) e “inovações tecnológicas” (4,12), que recebeu a melhor avaliação do quadrante. É recorrente, no meio acadêmico, a reprodução e circulação de informações ligadas às constantes transformações e evolução da tecnologia. Entretanto, assim como acontece no primeiro quadrante, percebe-se que os termos menos recorrentes são intimamente ligados aos mais lembrados. Nesse quadrante, os de menor média foram o “ecodesigne” (1,75) e a “eficiência energética” (2,26). Ambos os termos são fenômenos fruto das inovações tecnológicas, muito embora menos lembrados pelos acadêmicos do que estas últimas.

O quadrante comporta os termos que destacam a prospecção de tecnologias emergentes e aptidões inerentemente limpas. O potencial de inovação, combinado com as aspirações sustentáveis, engendra

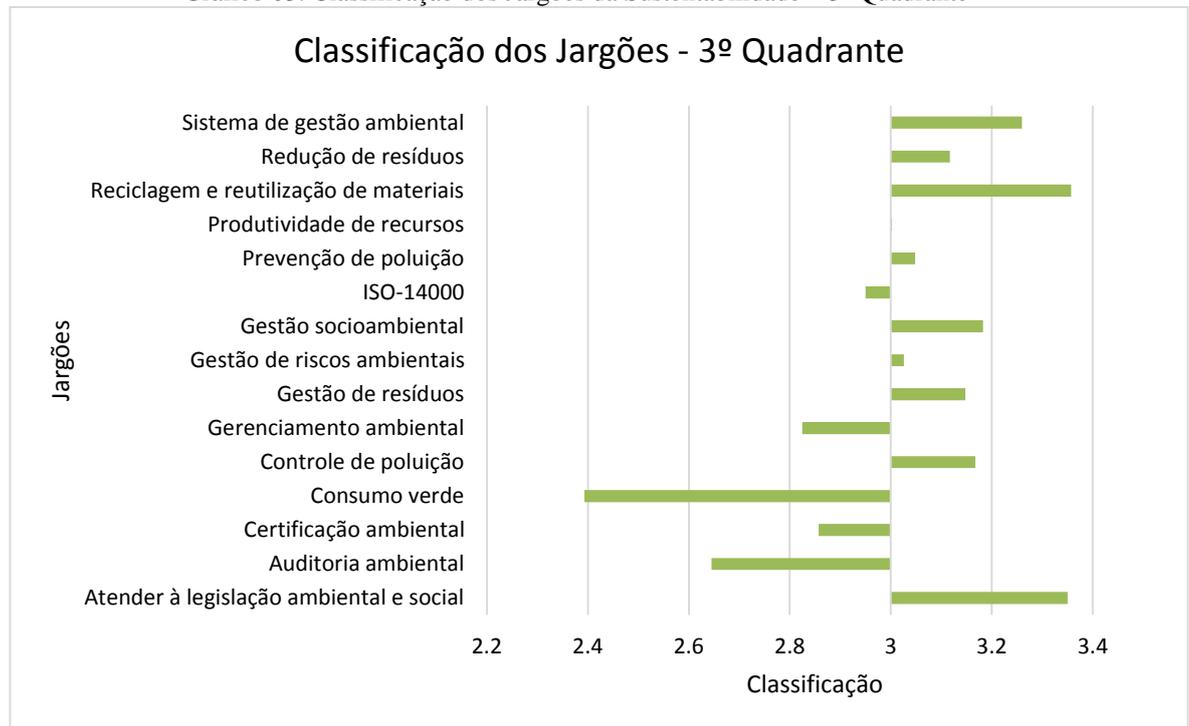
mudanças e evoluções, sobretudo com foco no aspecto ambiental. Na evolução da organização em busca da sustentabilidade, o desenvolvimento de tecnologias alternativas e formas diferenciadas de produção é o elemento-chave de implementação dessa dimensão (SGARBI et al., 2008).

4.3. Análise do Terceiro Quadrante

O terceiro quadrante é definido por Hart e Milstein (2004) como o inferior à esquerda. As estratégias propostas nesse quadrante se ocupam com a redução de custos, poluição ambiental e consumo consciente, preocupação essa que deve permear a tomada de decisões no contexto das organizações. Com base na estratégia desse quadrante, seguem os dados apresentados pela percepção dos acadêmicos sobre os referidos jargões enquadrados, representados graficamente:



Gráfico 03. Classificação dos Jargões da Sustentabilidade – 3º Quadrante



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme a representação gráfica do terceiro quadrante, a avaliação da percepção dos termos foi majoritariamente positiva, ao contrário dos demais quadrantes. Os jargões julgados como de maior conhecimento por parte do corpo discente foram a “reciclagem e reutilização de materiais” (3,36), “atender à legislação ambiental e social” (3,35) e os “sistemas de gestão ambiental” (3,26). As médias negativas mais representativas encontradas foram o “consumo verde” (2,39), “auditoria ambiental” (2,65) e “gerenciamento ambiental” (2,82). O jargão consumo verde, apontado como o menos representativo dos termos elencados, refere-se à utilização de produtos que sejam fabricados em conformidade não apenas com a legislação ambiental, mas que apresentem características marcantes de preocupação com o aspecto ambiental.

No quadrante inferior esquerdo estão dispostos os termos relacionados à eficiência de recursos e à prevenção da poluição, o que permite à organização a possibilidade de fazer “mais com menos”. Para Sgarbi

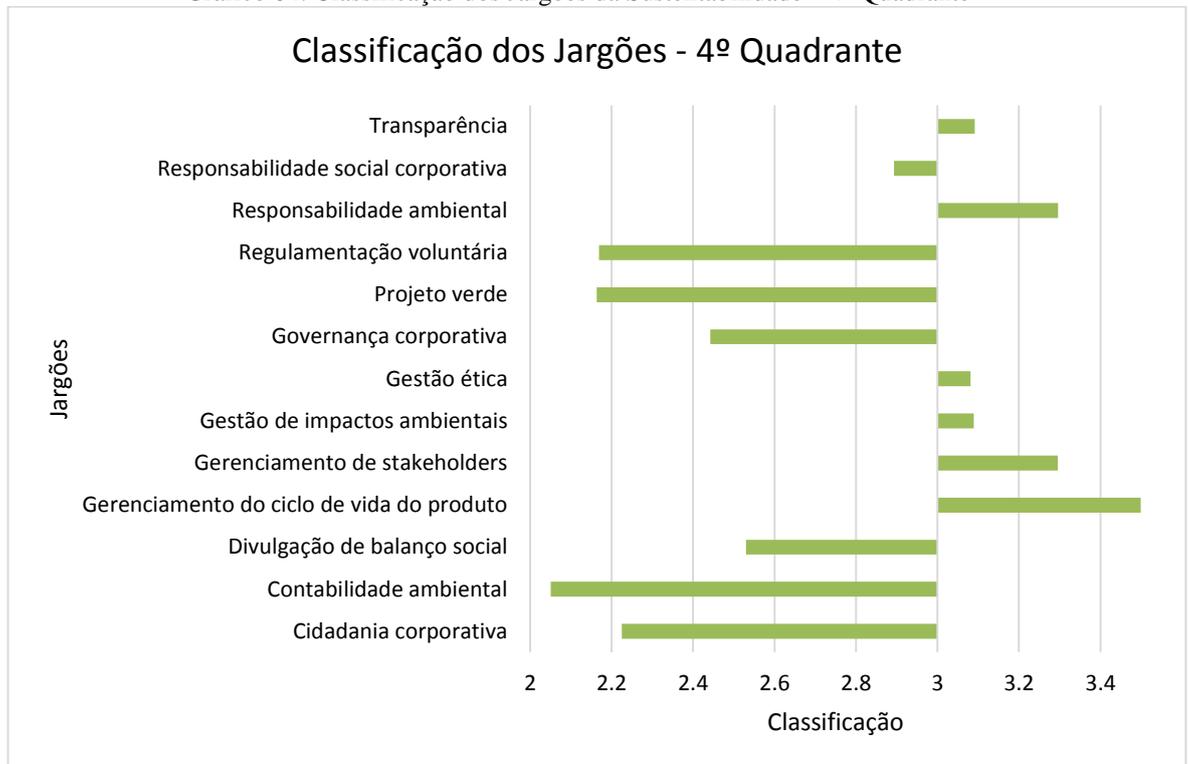
et al. (2008), a classificação dos jargões nesse quadrante demanda o reconhecimento do atual nível de industrialização, com conseqüente geração de resíduos, poluição e consumo de materiais, e é o primeiro passo rumo à mudança. Os itens dispostos nesse quadrante são ligados às operações presentes da empresa.

Análise do Quarto Quadrante

O quarto e último quadrante do modelo de Hart e Milstein (2004) aborda as organizações produtivas quanto ao atendimento do mercado externo atualmente. O foco desse conjunto de termos é a preocupação relacionada à sociedade civil, transparência e conectividade, buscando um retorno corporativo pautado na reputação e legitimidade. A percepção dos acadêmicos sobre essa dimensão da formação sustentável é apresentada graficamente:



Gráfico 04. Classificação dos Jargões da Sustentabilidade – 4º Quadrante



Fonte: Dados da pesquisa.

No quarto quadrante da sustentabilidade, apontou-se que são sete os jargões que não são aplicáveis no contexto das discussões estabelecidas em sala de aula. Destes, apenas o termo “responsabilidade social corporativa” (2,89) se aproxima ao ponto central, o que significa que às vezes é aplicado. As piores classificações remetem aos termos “contabilidade ambiental” (2,05), “projeto verde” (2,16) e “regulamentação voluntária” (2,17). Os jargões classificados como relevantes na formação acadêmica, segundo a ótica dos discentes, são “gerenciamento do ciclo de vida do produto” (3,50), “responsabilidade ambiental” (3,30) e “gerenciamento de *stakeholders*” (3,30). Os demais termos também se aproximam do ponto central de referência.

São encontrados os termos que direcionam as ações empresariais rumo à transparência, figurada pelo envolvimento dos *stakeholders* e na administração e acompanhamento do ciclo de vida dos produtos. As expressões agrupadas nesse quadrante vão além do controle operacional direto, provocando operações de forma transparente e receptiva. Esse fato é motivado pela proporção crescente de *stakeholders* ativos e empenhados em buscar informações, exercendo pressão sobre as empresas, no que diz respeito a

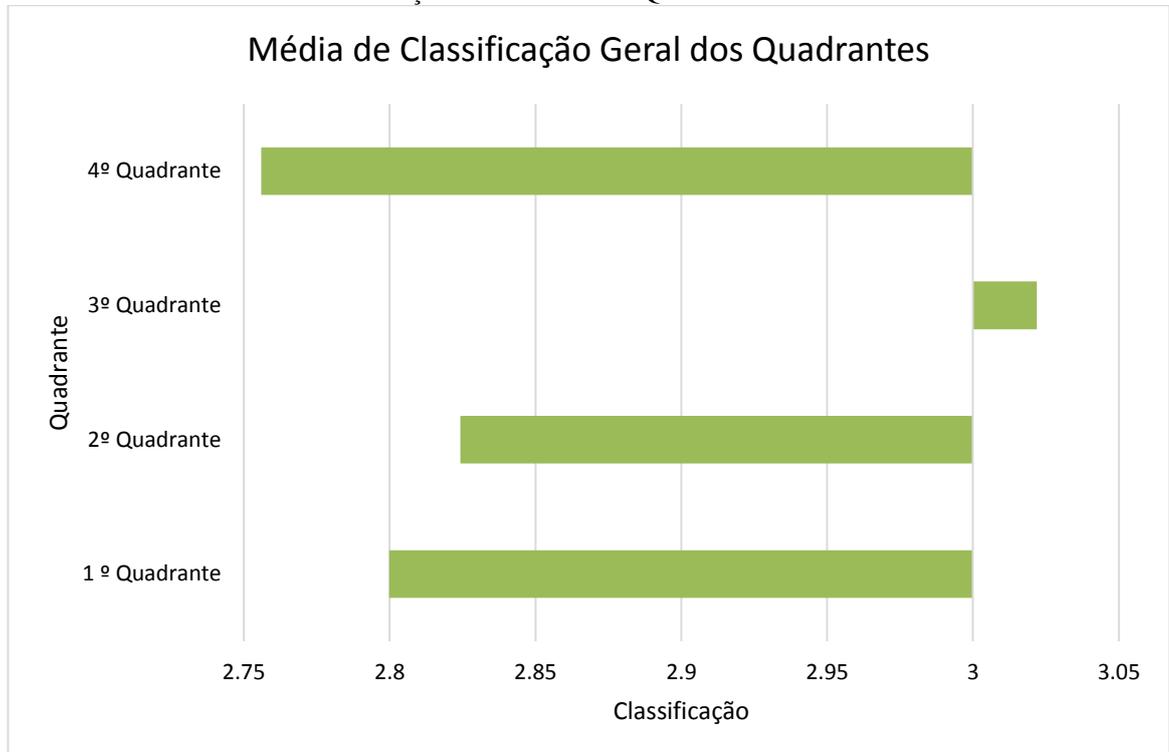
atitudes permeadas de preocupações socioambientais (SGARBI et al., 2008).

Classificação Geral dos Quadrantes da Sustentabilidade

A percepção dos acadêmicos, considerando a composição dos quatro quadrantes, demonstra uma visão geral do entendimento que se tem a respeito da formação e do conhecimento obtidos nas aulas e nas discussões estabelecidas acerca da sustentabilidade. Os quadrantes apresentam os agrupamentos dos jargões em categorias, conforme expresso anteriormente. Cada quadrante é composto por um conjunto de termos, que refletem diferentes aspectos da sustentabilidade. Os quadrantes juntos formam o entendimento geral sobre essa temática, e refletem quais conjuntos de jargões são mais bem assimilados pelos acadêmicos e quais recebem menos atenção, sendo classificados com uma média inferior ao ponto de referência (média 3). A composição dos quadrantes, num contexto amplo que considera todos os respondentes da Universidade, é apresentada graficamente:



Gráfico 05. Classificação Média Geral dos Quadrantes da Sustentabilidade



Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se notar nitidamente que, das quatro dimensões, três quadrantes apresentam classificação inferior ao ponto médio de referência (3), que remete à categoria “às vezes se aplica”. Portanto, somente um dos quadrantes pode ser considerado como de aprendizagem e assimilação acima do eixo referencial. O terceiro quadrante (3,02), que teve classificação satisfatória, remete à preocupação das organizações quanto à redução dos resíduos, custos, poluição ambiental e consumo consciente, que são relacionados, de acordo com a teoria de Hart e Milstein (2004), com a perspectiva atual e voltada aos processos internos. Os demais quadrantes receberam avaliação correspondente à categoria “raramente de aplica”, estando classificados abaixo do ponto médio de referência. Por ordem crescente de avaliação de percepção, tem-se o segundo quadrante (2,82), o primeiro quadrante (2,80) e o quarto quadrante (2,76). Segundo a percepção do corpo discente, portanto, esses quadrantes são pouco discutidos e não há

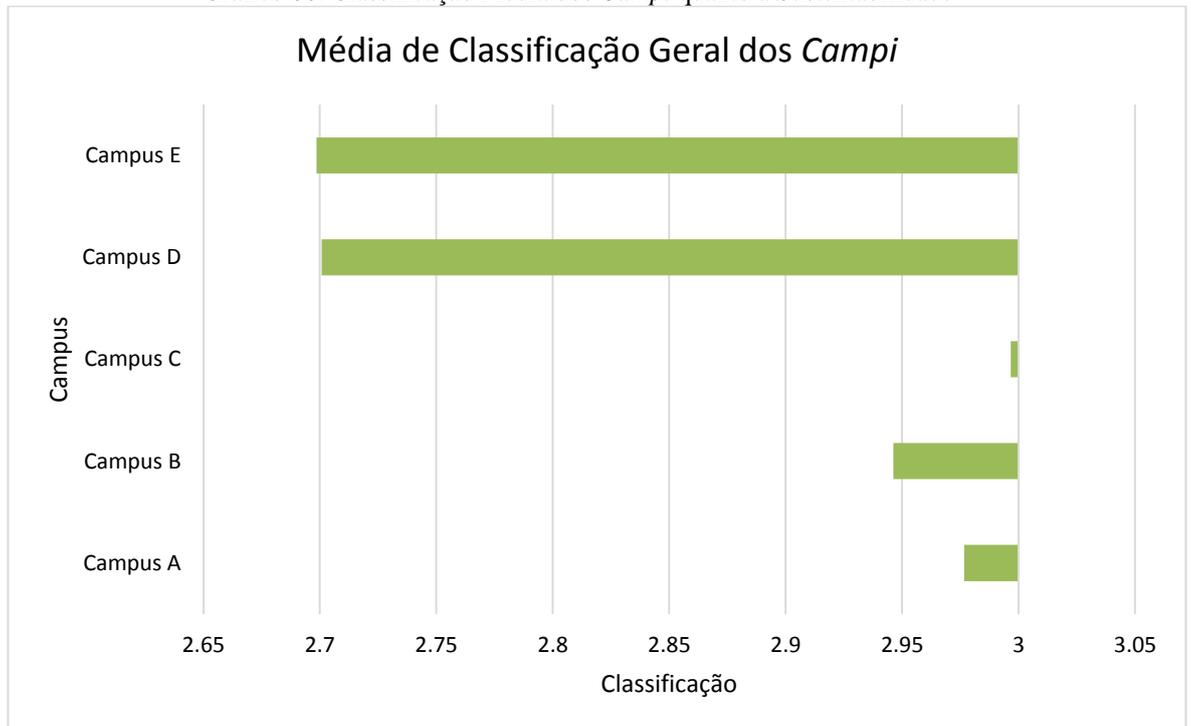
assimilação representativa dos jargões elencados, de modo geral. Os temas são raramente recorrentes, e representam as duas possibilidades de perspectivas externas, correlacionadas ao ambiente atual e ao futuro, e à perspectiva interna, ligada ao momento futuro.

Classificação Geral da Percepção sobre a Sustentabilidade nos *Campi*

A percepção identificada, quando considerados todos os jargões estabelecidos pela teoria de Sgarbiet al.(2008) e os quatro quadrantes da teoria de Hart e Milstein (2004), revela que nenhum dos *campi* apresentou classificação geral positiva. Num contexto amplo, a contraposição das avaliações indicou que o conhecimento dos acadêmicos sobre os termos relacionados à sustentabilidade, elencados pela teoria adotada, é inferior ao ponto médio referencial. Os resultados estão dispostos graficamente:



Gráfico 06. Classificação Média dos *Campi* quanto à Sustentabilidade



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme indicado no Gráfico 06, todos os *Campi* foram avaliados com médias inferiores ao ponto de referência. Nesse caso, estes são denominados de modo a preservar a identificação dos mesmos. Por ordem crescente de médias, têm-se o *Campus C* (2,99), o *Campus A* (2,98), o *Campus B* (2,95) e, por último, empatados, o *Campus D* (2,70) e o *Campus E* (2,70).

A existência de diferença dos *rankings* estabelecidos entre as percepções, tomando por foco os quadrantes e os *Campi*, é possivelmente justificada pelo arranjo dos jargões. Alguns termos receberam avaliação negativa em todos os casos, o que acentuou

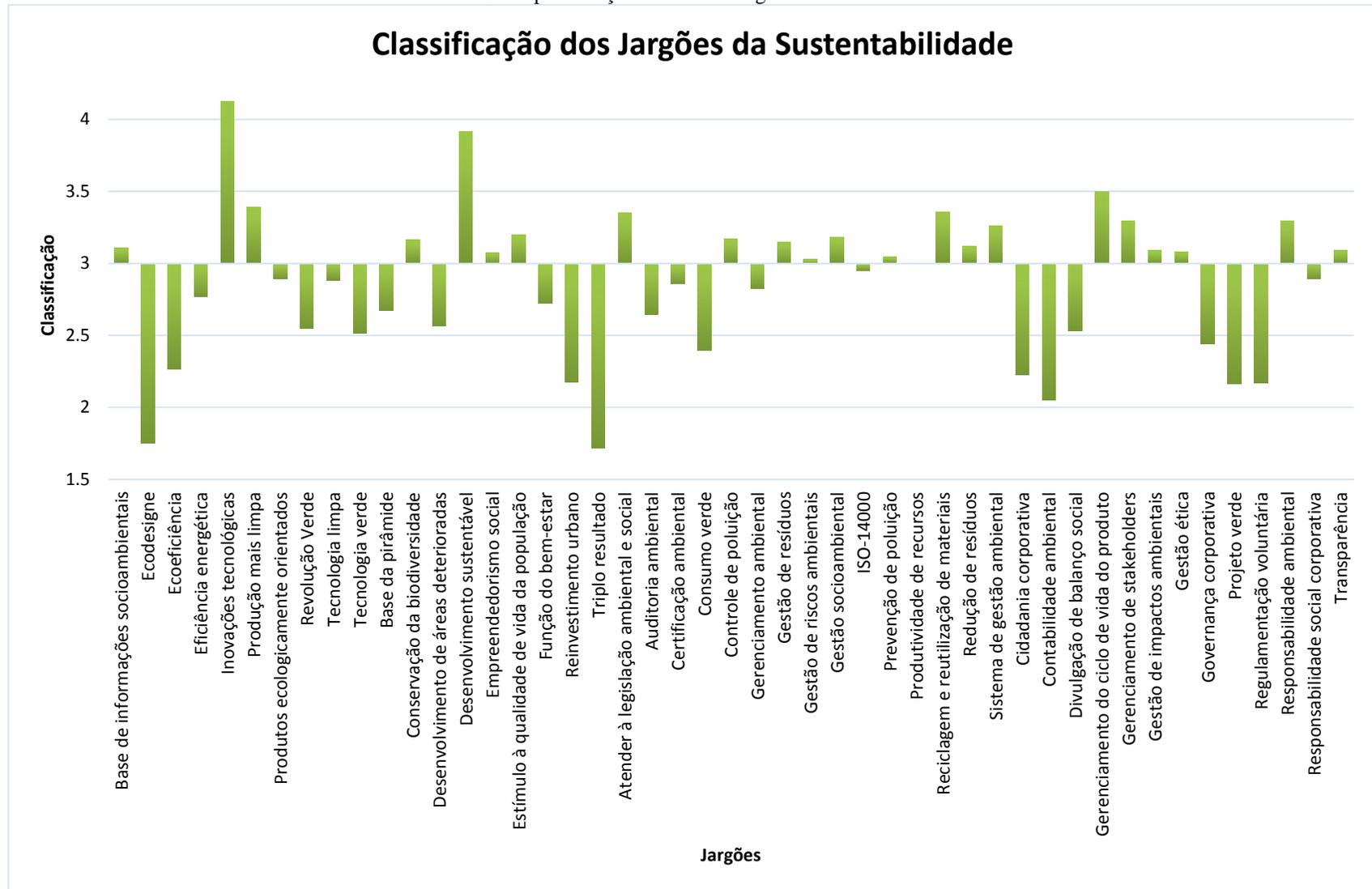
a colocação inferior do quadrante, fato que não é tão representativo quando analisada a perspectiva dos *Campi*, nos quais se dilui as percepções dos jargões na média geral.

Percepção Detalhada dos Jargões da Sustentabilidade na Perspectiva do Curso de Administração da UNICENTRO

O Gráfico 07 apresenta a perspectiva geral dos Jargões da Sustentabilidade de Sgarbiet al.(2008), considerando os resultados obtidos pela totalidade dos acadêmicos abordados.



Gráfico 07. Apresentação Geral dos Jargões da Sustentabilidade



Fonte: Dados da pesquisa.



Dos quarenta e sete jargões elencados, vinte e quatro são percebidos pelo corpo discente como menos discutidos e lembrados a partir da formação recebida no ambiente acadêmico, tomando por referência o ponto médio. Destes, dois apresentaram as menores médias, sendo classificados na categoria equivalente a “raramente se aplica”, sendo eles o “triplo resultado” (1,71) e “ecodesigne” (1,75). Dos demais, destacam-se ainda como os menos lembrados e assimilados pelos acadêmicos os jargões “contabilidade ambiental” (2,05), “projeto verde” (2,16), “regulamentação voluntária” (2,16), “reinvestimento urbano” (2,17), “cidadania corporativa” (2,22), entre outros.

Do montante de termos colocados em avaliação, vinte e dois jargões foram apontados como recorrentes nas discussões e comumente citados no meio acadêmico. Os dois termos com as melhores médias, classificados muito acima dos demais, são “inovações tecnológicas” (4,12) e “desenvolvimento sustentável” (3,92). Ambos os jargões representam conceitos amplos, que podem ser associados com facilidade a outros temas de menor complexidade. Os demais temas que apresentaram médias elevadas, em comparação com o ponto referencial, são “gerenciamento do ciclo de vida do produto” (3,50), “produção maislimpa” (3,39), “reciclagem e reutilização de materiais” (3,36) e “atender à legislação social e ambiental” (3,35), entre outros. O jargão “produtividade de recursos” (3,00) apresentou média ajustada ao eixo de referência, sendo categorizado na classe “às vezes se aplica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As proposições teórico-conceituais utilizadas no presente estudo permitiram estabelecer um panorama da inserção da temática Sustentabilidade no contexto de formação de Bacharéis em Administração, tomando por universo de pesquisa a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Conforme exposto, diante dos desafios globais, sobretudo aqueles relacionados ao meio natural, representado pelo uso eficiente e racionalização dos recursos e conservação de áreas naturais, e às pessoas, pela distribuição mais igualitária de possibilidades, diminuição da fome e dos problemas de ordem social, a Sustentabilidade configura-se como uma medida de urgência, de modo que se permitam às gerações futuras as mesmas condições ou a melhoria da qualidade de vida, se comparada à geração atual.

Pela formação de novos profissionais, no campo da administração, com conhecimento e direcionamento de ideais com foco na sustentabilidade, fomenta-se a inserção mais efetiva da prática sustentável na instrumentalização do

trabalho nas organizações produtivas. A internalização da necessidade dessa tendência no meio empresarial não deve vir apenas das pressões governamentais ou do mercado.

Assim sendo, possibilitou-se com a presente pesquisa conhecer a percepção dos acadêmicos em administração da UNICENTRO sobre termos recorrentes à sustentabilidade, por meio do modelo dos Jargões da Sustentabilidade de Sgarbiet al.(2008) e do modelo Multidimensional do Valor Sustentável de Hart e Milstein (2004). Os resultados gerais apontam para o fato de que, em todos os *Campi* estudados, as médias de percepção foram inferiores ao ponto considerado como de referência (média 3), sendo intermediário entre resultados positivos e negativos. Alguns termos, como “inovações tecnológicas” (4,12) e “desenvolvimento sustentável” (3,92), apresentaram médias muito acima do ponto de referência, assim como outros termos, a exemplo de “ecodesigne” (1,75) e “triplo resultado” (1,71), ficaram colocados muito abaixo.

A percepção em relação aos quadrantes também revelou uma situação semelhante. Das quatro dimensões estabelecidas pelo modelo de Hart e Milstein (2004), apenas o terceiro quadrante, relacionado às ações com foco no ambiente interno das organizações, na perspectiva atual, recebeu avaliação positiva, colocado ligeiramente acima da referência. Os demais foram avaliados como “raramente aplicados”.

Pode-se aferir, com base nos resultados obtidos, que alguns aspectos relacionados à sustentabilidade são mais bem assimilados e mais discutidos no ambiente acadêmico do universo analisado do que outros, mas, num contexto amplo, o conhecimento sobre o tema ainda não recebe atenção consideravelmente relevante, sobretudo segundo a ótica dos discentes.

As possibilidades lançadas para pesquisas futuras podem residir na abordagem mais criteriosa dos jargões com as melhores e as piores avaliações, buscando estabelecer relações de causalidade nesses fatos. A pesquisa pode ser também aplicada a outras instituições de ensino superior, na tentativa de se conhecer outras experiências de ensino, tanto em universidades da rede pública quanto privada.



REFERÊNCIAS

- BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G.; ANDREASSI, T.; VASCONCELOS, F. C. *Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições*. ERA. São Paulo, v. 50, n.2, p. 146-154. Abr/jun.2010
- BELTRAME, B.; DORNELES, F. R.; GRZYBOVSKI, D. *Teorias do Desenvolvimento: um olhar a partir de David Harvey*. III Colóquio Internacional de Epistemologia Sociologia Aplicada à Administração. Florianópolis, 2013.
- BERGAMO, Geraldo A.; BERNARDES, Marisa R. *Produção de conhecimento*. Educação & Sociedade. 2006, vol.27, n.94, p.179-198.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 24^a ed., 2004.
- BURBANO, A. C. *Apuntes sobre Desarrollo Comunitario*. 1^a ed. digital. Eumed.net, Universidade de Málaga, Espanha, 2011.
- CRESSWELL, J. H. *Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DEMAJOROVIC, J.; SILVA, H.C. O. *Formação Interdisciplinar e Sustentabilidade em Cursos de Administração: desafios e perspectivas*. RAM, Revista de Administração da Mackenzie, São Paulo, v. 13, n. 5, Set./Out. 2012.
- DUARTE JÚNIOR, J.F. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ELKINGTON, J. *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. Oxford: Capstone Publishing, 1998.
- ESTENDER, A.C.; ROCHA, M.C. *Estratégias de Desenvolvimento Sustentável*. Revista Terceiro Setor, vol. 4, n.1, 2010, p.21-31.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.
- GODARTH, K.A.L.; OLIVEIRA, S.F.; COMUNELLO, A.L.; CACIAMANI, C. *O ensino da sustentabilidade nos cursos superiores de Administração no sudoeste do Paraná*. Synergismus scyentifica UTFPR, Pato Branco 06(01) 2011. 11p.
- GONÇALVES-DIAS, S. L. F. *Consciência Ambiental: um estudo exploratório sobre suas implicações para o ensino da administração*. *Revista de Administração de Empresas*, v.8, n.1, 2009.
- HART, S.L. e MILSTEIN, M. *Criando Valor Sustentável*. *Revista de Administração de Empresas – RAE Executivo* v.3, n. 7, p. 65-79, maio/junho 2004.
- JACOBI, P.R.; RAUFFLET, E.; ARRUDA, M.P. *Educação para a sustentabilidade nos cursos de administração: reflexão sobre paradigmas e práticas*. RAM, Revista de Administração da Mackenzie, v. 12, n. 3, São Paulo, maio/jun. 2011, p. 21-50.
- KANASHIRO, V. *Por uma Sociologia do Conhecimento Científico da Questão Ambiental: a produção acadêmica brasileira sobre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade: resultados preliminares*. *Revista Plural*, São Paulo, v.16, n.1, p.175-188, 2009.
- MAKOWER, J. *A economia verde: descubra as oportunidades e os desafios de uma nova era dos negócios*. São Paulo: Editora Gente, 2009. 285p.
- MASCARENHAS, M. P. *Educação para a Sustentabilidade: a formação da nova geração de administradores nas IES da RMBH*. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade Novos Horizontes, 2013.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 8^a ed., 2003.
- OLIVEIRA, M. F. *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração*. Catalão: UFG, 2011.
- PALHANO, L. C. *Interdisciplinaridade da Sustentabilidade Empresarial*. Rio de Janeiro: 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- RAYNAUT, C. *Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade*. *Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis*, Florianópolis, v. 11, n. 01, jan/jun 2014.
- SACHS, I. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. *Estudos Avançados*, v.2, n.2, p.46-71, 1988.



SGARBI, V.S.; LIMA, M.T.A; SANTOS, C.F.S.O; FALCÃO, M.C. *Os jargões da Sustentabilidade: uma discussão a partir da produção científica nacional*. X Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente ENGEMA 2008.

SHRIVASTANA, P. Pedagogy of passion for sustainability. *Academy of Management learning and Education*, v. 9, n. 3, p.443-455, set. 2010.

SPRINGETT, D. Education for sustainability in the business studies curriculum: a call for a critical agenda. *Business Strategy and the Environment*, v. 14, 2005.

TELLES, B. M. *Integrando a Sustentabilidade na Formação de Administradores*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Administração). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

TRUJILLO, V. *Pesquisa de Mercado Qualitativa e Quantitativa*. São Paulo: Scortecci, 2003.

ZÁRATE, M. Desarrollo Comunitario. In SERRANO, R. et al. *Modelo de Desarrollo Humano Comunitario*– Sistematización de 20 años de trabajo comunitario. México, DF, Plaza e Valdés Editores, 2007.